

A criação do espaço institucional da linguística e dos estudos das línguas indígenas no Brasil*

The creation of the institutional space for linguistics and for the study of indigenous languages in Brazil

Daniele Marcelle GRANNIER
(Universidade de Brasília)

RESUMO

Este artigo apresenta a situação dos estudos linguísticos em geral e dos estudos das línguas indígenas brasileiras antes da década de 1960, como pano de fundo para o relato da trajetória profissional de Aryon Dall’Igna Rodrigues como formador, pesquisador e criador do espaço institucional desses estudos no Brasil. Examinam-se as principais recomendações de seu relatório ao Simpósio de Cartagena e sua atuação na realização dessas metas, promovendo os primeiros Institutos Brasileiros de Linguística, participando dos Institutos Interamericanos de Linguística e desenvolvendo programas de pós-graduação em três instituições de ensino superior. Destaca-se o seu trabalho como orientador de dissertações e teses na área de línguas indígenas e apresenta-se o inventário das línguas indígenas estudadas até o momento.

Palavras-chave: *Aryon Dall’Igna Rodrigues; Linguística; Línguas indígenas brasileiras; Institucionalização.*

* Partes deste artigo foram apresentadas na palestra “Reflexões sobre o espaço institucional para o estudo das línguas indígenas”, proferida no *I Seminário sobre as tendências e os destinos da Área de Estudos Linguísticos no Brasil: repensando práticas e propondo caminhos para Goiás - O panorama dos estudos sobre línguas indígenas e a educação indígena no Brasil* realizado na Universidade Federal de Goiás em outubro de 2012.

ABSTRACT

This paper presents the situation of general linguistic studies as well as those of Brazilian indigenous languages before the 1960s, as a background to report the professional trajectory of Aryon Dall'Igna Rodrigues as a mentor, researcher and creator of the institutional space of such studies in Brazil. It examines the main recommendations of his report to the Cartagena Symposium and how he dedicated himself to the accomplishment of those goals, promoting the first Brazilian Linguistic Institutes, participating in the Interamerican Linguistic Institutes and creating graduate programs in three Brazilian higher education institutions. It also highlights his work as dissertation and thesis adviser on indigenous languages, and presents the inventory of indigenous languages studied so far.

Key-words: *Aryon Dall'Igna Rodrigues; Linguistics; Brazilian Indigenous Languages; Institutionalization.*

Introdução

No início da década de 1960, pouquíssimas pessoas tinham ouvido falar em Linguística no Brasil. Havia Joaquim Mattoso Camara Jr., no Rio de Janeiro, o primeiro a ensinar a nova Linguística entre nós, que atuava também como professor de língua portuguesa, e havia mais um ou outro professor que se interessava por pesquisas linguísticas, mas nenhum dispunha de espaço institucional para trabalhar com essa nova ciência. Havia também alguns poucos estudiosos isolados que se dedicavam à pesquisa de línguas indígenas, mas apenas um deles – Plínio Ayrosa – era catedrático de Tupi na Universidade de São Paulo. Os demais, mesmo os que eram professores do ensino superior, não dispunham de espaço específico para suas pesquisas, como Geraldo Lapenda, professor titular de grego na antiga Universidade do Recife, grande pesquisador da língua Yathê.

Nesse contexto, depois de cinco anos de estudo e do doutorado pela Universidade de Hamburgo com a tese *Fonologia do Tupinambá*, Aryon Dall'Igna Rodrigues voltou para Curitiba, sua cidade natal, convidado pelo diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná (FFCL/UFPR), para ministrar disciplinas de Linguística.

Até mesmo a palavra “linguística” era uma novidade total para nós, alunos do Curso de Letras dessa faculdade. Fiz parte da segunda turma que teve aulas com Aryon, em 1961. Marita Porto Cavalcante, que viria a ser doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora titular da Universidade Federal de Goiás (UFG), foi da primeira turma. Ao final da graduação, Marita e eu fomos para a Universidade de Brasília (UnB) cursar o primeiro mestrado em Linguística do Brasil, criado por Aryon a convite de Darcy Ribeiro. Nesse programa, nós fomos da segunda turma. Em 1965 casei-me com Aryon e vivemos juntos por 33 anos. Depois, continuamos amigos até o fim de sua vida, em abril de 2014. Relato aqui a história da criação do espaço institucional da Linguística e dos estudos das línguas indígenas que ele promoveu e que, por estar a seu lado ou por ouvi-lo comentar, eu acompanhei.

A situação dos estudos linguísticos no Brasil antes da década de 1960

A disciplina de Linguística da FFCL/UFPR não foi a primeira a ser ofertada no Brasil. Bem antes, em 1938, Mattoso havia ministrado essa disciplina na Universidade do Distrito Federal. Segundo Aryon, a proposta da universidade era tão inovadora em seu conjunto que não sobreviveu às pressões da tradição conservadora e foi extinta já no início do ano seguinte, em 1939. Com ela, extinguiu-se também a primeira tentativa de criação de um espaço institucional para a Linguística, porque a Universidade do Distrito Federal foi substituída pela Universidade do Brasil, e no novo curso de Letras da Faculdade Nacional de Filosofia já não havia a disciplina Linguística. Somente nove anos mais tarde é que Mattoso voltou a dar aulas de Linguística nessa Faculdade. Mesmo assim, não se pode dizer que a Linguística tinha um espaço institucional, pois, para os padrões da época, o reconhecimento de uma área estava associado a uma cátedra. Com isso, o pioneiro da Linguística no Brasil não teve seu valor reconhecido durante muitos anos.

Sendo um linguista brasileiro, é natural que Mattoso tenha dedicado algum tempo às línguas indígenas. Aceitou de bom grado ser coordenador do Setor de Linguística da Divisão de Antropologia do Museu

Nacional, cargo não remunerado, onde ministrou um curso sobre as línguas indígenas brasileiras, o que resultou na publicação do livro *Introdução às línguas indígenas brasileiras* (Camara Jr., 1965).

Plínio Ayrosa, por sua vez, já havia conquistado um espaço na Universidade de São Paulo com a Cátedra de Língua Tupi. Além de se dedicar ao Tupinambá, que ainda era conhecido como Tupi, Ayrosa pesquisou outras línguas indígenas, como o Guarani e o Parintintim.

Embora Aryon tivesse uma grande admiração pelo trabalho desses dois estudiosos, foi Rosário Farani Mansur Guérios, de Curitiba, seu professor no curso ginásial¹, que teve a maior influência no início de sua formação. Mansur Guérios foi um linguista *avant la lettre* no Brasil. Dedicava-se à Linguística Comparativa, tanto à centrada na língua portuguesa quanto à que comparava línguas indígenas, publicando, entre outros trabalhos, *O nexo linguístico Boróro-Mehimê-Kayapó* (Guérios, 1939).

De Curitiba para Hamburgo

Antes de ingressar no curso ginásial, Aryon já tinha um interesse especial por línguas. A cidade de Curitiba, com seus numerosos grupos de imigrantes relativamente recentes na época, constituía um campo privilegiado para a observação do menino. Foi assim que aprendeu, com os comerciantes da cidade, algumas palavras e frases em árabe, em polonês, em italiano e em alemão. Ele nunca mencionou que tivesse aprendido palavras japonesas, mas lembrava bem de suas idas à Biblioteca Pública, por volta dos dez anos de idade, onde copiava listas de palavras em Guarani e em outras línguas indígenas.

O encontro de Aryon e Mansur Guérios foi o encontro de duas pessoas que viviam isoladas em seus interesses pouco comuns e iniciaram uma amizade e uma colaboração intelectual que perdurou enquanto Mansur Guérios viveu². Foi assim que, aos 14 anos, o aluno

1. O curso ginásial ou “ginásio” corresponde às series finais do atual ensino fundamental.

2. Mansur Guérios também foi meu professor de língua portuguesa no curso de Letras Neolatinas da FFCL/UFPR. Em 1965, ele e sua esposa, D^a. Zita, foram nossos padrinhos de casamento.

foi incentivado a publicar no jornal da escola seu primeiro estudo sobre o Tupinambá. Mais tarde, Mansur foi novamente professor de Aryon no Curso de Letras Clássicas e os dois foram colegas na FFCL/UFPR, quando Aryon voltou de seu doutorado na Alemanha. Foi Mansur Guérios quem o tinha aconselhado a estudar Linguística no exterior, porque o seu objetivo era “estudar fonética para fazer boas transcrições das línguas indígenas”.

Na Universidade de Hamburgo, na qual Aryon foi bolsista da Fundação Humboldt, não existia departamento que trabalhasse com línguas ameríndias, mas houve abertura suficiente para que ele fizesse sua tese sobre a fonologia do Tupinambá no departamento de Africanística, onde lecionavam especialistas em línguas não-europeias que conheciam bem as técnicas de trabalho de campo. Escreveu sua tese em alemão e recebeu em 1959 o maior louvor universitário por seu trabalho: *summa cum laude*.

Dois marcos: Darcy Ribeiro e o Simpósio de Cartagena

Quando ainda estava lecionando na UFPR, Aryon foi convidado por Darcy Ribeiro para criar o Departamento de Linguística do Instituto de Letras da UnB e seu Mestrado em Linguística.

Abraçou o projeto e, em 1963, mudou-se para Brasília. Nesse mesmo ano foi convidado a participar de um simpósio em Cartagena de las Índias, na Colômbia, como delegado do Brasil, onde encontrou Mattoso Camara e Francisco Gomes de Matos, um jovem professor, que havia concluído seu mestrado pela Universidade de Michigan poucos anos antes. O simpósio ficou conhecido como o Simpósio de Cartagena, promovido pelo Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Idiomas (PILEI), e foi um marco para o desenvolvimento da Linguística no Brasil. Nesse simpósio reuniram-se delegações de vários países latino-americanos bem como dos Estados Unidos e do Canadá, a fim de definir diretrizes para o desenvolvimento da Linguística no continente.

Em seu relatório ao Simpósio, Aryon salientou a necessidade da criação de associações científicas e de revistas especializadas, da organização de institutos linguísticos e da implantação de cursos de

pós-graduação em Linguística. De volta ao Brasil, os três delegados se uniram em torno de projetos que atenderiam às recomendações do Simpósio e juntos atuaram em diversas frentes, como se verá mais adiante.

Nesse entretempo, estava surgindo no Brasil um interesse inédito por cursos de Linguística, decorrentes de uma ação de Darcy Ribeiro. Após a fundação da UnB em 1961, da qual foi seu primeiro reitor, Darcy foi Ministro da Educação e Cultura de meados de 1962 a janeiro de 1963. Em agosto de 1962, passou a vigorar uma resolução do Conselho Federal de Educação (CFE) que introduzia um novo currículo para os cursos de Letras e incluía a obrigatoriedade da Linguística. Embora se dedicasse ao desenvolvimento da Linguística e a resolução do CFE criasse uma demanda que favoreceria, de certa maneira, o crescimento da área, Aryon considerava prematura a obrigatoriedade de uma disciplina para a qual não existiam ainda quadros qualificados. Atribuía a ideia da resolução ao próprio Darcy, que tinha grande apreço pela Linguística e, como antropólogo, considerava a disciplina fundamental também para sua área, principalmente no trabalho de campo com povos indígenas.

Atendendo, num primeiro momento, tanto às demandas devidas à resolução do CFE quanto às propostas do Simpósio, Aryon organizou na UnB, no verão de 1963-1964, um curso para os professores responsáveis pela nova disciplina nas universidades brasileiras. Os participantes foram menos de vinte, mas isso representou um aumento significativo de pessoas conhecedoras da área. De certa forma, o curso de verão foi uma pequena prévia dos Seminários que se seguiriam e dos Institutos de Linguística que começariam a ser realizados dois anos mais tarde.

Em consequência do Simpósio e da resolução do CFE, o trabalho dos três delegados brasileiros, Mattoso, Aryon e Gomes de Matos, viu-se redobrado. Assim, sucederam-se várias iniciativas que culminaram na realização de Institutos de Linguística, no lançamento da revista *Estudos Linguísticos: Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada* e na criação da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), que teve Aryon como seu primeiro presidente. Entre as inovações que se seguiram ao Simpósio, houve também a efetivação, em 1964, no Chile,

da Associação de Filologia e Linguística da América Latina (ALFAL), da qual Mattoso foi presidente.

Os Estudos Linguísticos, os Seminários e as Tarefas da Linguística no Brasil³

A publicação da primeira revista de linguística contou com o patrocínio do Instituto de Idiomas Yázigi, que abrigava o Centro de Linguística Aplicada (CLA) coordenado por Francisco Gomes de Matos. O Instituto de Idiomas Yázigi era uma instituição particular que havia implantado uma rede de escolas de ensino de línguas no Brasil por meio de franquias, um formato ainda pouco conhecido entre nós naquela época.

A recente criação do CLA se devia ao espírito modernista de seu dono, Fernando Silva, que se interessava pelas iniciativas do PILEI, e ao entusiasmo de Gomes de Matos pelas novas correntes da Linguística e da Linguística Aplicada. Era uma associação frutífera que congregava uma equipe de professores dedicados à pesquisa e tinha como um de seus objetivos a elaboração de materiais didáticos principalmente para o ensino de inglês. Entre eles, já se destacavam Adair Pimentel Palácio, que viria a ser professora da UFPE; Maria do Amparo Barbosa, futura professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da USP e Geraldo Cintra, que viria a ser professor da Unicamp e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).

Nessa década, a divulgação da Linguística e da Linguística Aplicada ao ensino de idiomas para várias regiões do Brasil foi reforçada por meio de diversos cursos em encontros específicos para esse fim, realizados antes e depois da instalação dos Institutos Brasileiros de Linguística.

Foi num desses eventos, no *I Seminário de Orientação Linguística para Professores do Ensino Médio e Universitário*, que Aryon proferiu, em meados de 1965, a conferência “O linguista de campo: sua formação e tarefas”. A conferência foi gravada e transcrita por Geraldo Cintra

3. Agradeço a Geraldo Cintra as informações que me permitiram descrever com mais precisão o período retratado nesta seção.

e essa transcrição serviu de base para que Aryon redigisse o artigo *Tarefas da Linguística no Brasil*, publicado no ano seguinte no primeiro número de *Estudos Linguísticos*. Segundo numerosos depoimentos, o texto teve grande repercussão entre estudantes e pesquisadores das diversas áreas da Linguística e do ensino de línguas.

A revista teve vida relativamente curta, apenas quatro números foram publicados. Somente muitos anos mais tarde, firmaram-se revistas que corresponderiam aos anseios da comunidade, como, por exemplo, os *Cadernos de Estudos Linguísticos*, em 1978, e a revista *Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (DELTA)*, em 1985.

Atualmente há uma diversificação imensa nas publicações científicas de Linguística, de Linguística Aplicada e de suas subáreas. Na área de línguas indígenas, por exemplo, temos a revista LIAMES, publicada pelo Departamento de Linguística da Unicamp.

As associações, por outro lado, floresceram de imediato e continuam vigorosas até hoje, desempenhando um papel fundamental para a comunidade acadêmica.

Os Institutos de Linguística

Durante alguns anos, os Institutos de Linguística foram patrocinados pelo PILEI. Os institutos tinham duração de dois meses e ofereciam uma grande quantidade de cursos intensivos tanto de Linguística como de Linguística Aplicada ao ensino de idiomas.

Dos três primeiros institutos internacionais, o terceiro foi realizado no Brasil, tendo sido organizado por Aryon, Mattoso e Gomes de Matos com o apoio da ALFAL, do Instituto de Idiomas Yázigi, da Universidade de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Aryon ministrou cursos nos três eventos listados a seguir. Gomes de Matos ofereceu cursos apenas nos dois últimos, pois, no primeiro, preferiu participar como aluno e assistir às aulas de Mattoso. Este, por sua vez, só não ofereceu cursos no terceiro instituto por já estar adoentado.

- I Instituto Linguístico Latino-americano, realizado na Facultad de Humanidades y Ciencias de la Universidad de la República, em Montevideu, de 27 de dezembro a 28 de fevereiro de 1965.
- II Instituto Interamericano de Linguística, realizado na cidade do México, de 27 de novembro de 1967 a 2 de fevereiro de 1968.
- III Instituto Interamericano de Linguística, realizado na cidade de São Paulo de 15 de janeiro a 28 de fevereiro de 1969.

No mesmo ano do segundo instituto internacional, no início de 1968, o trio havia organizado o I Instituto Brasileiro de Linguística, definindo um novo padrão na vida acadêmica dos linguistas brasileiros, com sucessivas edições até hoje. Os quatro primeiros foram realizados nos locais e nas datas que se seguem.

- I Instituto Brasileiro de Linguística, realizado em Porto Alegre, de 15 de janeiro a 2 de março de 1968.
- II Instituto Brasileiro de Linguística, que foi realizado junto com o III Instituto Interamericano de Linguística, na cidade de São Paulo, de 15 de janeiro a 28 de fevereiro de 1969.
- III Instituto Brasileiro de Linguística, realizado em Belo Horizonte em julho de 1969.
- IV Instituto Brasileiro de Linguística, realizado na cidade de Salvador, em 1970.

Era um ritmo de trabalho alucinante, difícil de imaginar numa época em que ainda não havia Internet nem celulares e os telefones fixos eram raros! Os três linguistas brasileiros, Aryon, Mattoso e Gomes de Matos, eram presença constante nesses eventos. Mattoso só não participou do último instituto brasileiro porque adoeceu no final do ano anterior e a notícia de seu falecimento em fevereiro de 1970 surpreendeu a todos durante o instituto de Salvador.

Depois desse período, houve ainda três Institutos Brasileiros de Linguística, um em Niterói, em julho de 1970, outro na cidade de Florianópolis, no início de 1973 e o terceiro, realizado junto com o V Instituto

Interamericano de Linguística em 1980, em Campinas. Neste último, Aryon apenas ministrou o curso *Línguas Indígenas do Brasil*.

A partir daí, os Institutos passaram a ser organizados pela ABRA-LIN, com menor duração, porque já estava em funcionamento uma quantidade razoável de programas de pós-graduação que proporcionavam a formação regular dos profissionais da Linguística e da Linguística Aplicada.

Voltando aos dias de hoje, neste ano já está sendo preparado o próximo Instituto Brasileiro de Linguística, que será o de número XXII, a ser realizado em Belém de 2 a 5 de março de 2015.

Os programas de pós-graduação em Linguística

Outro item constante do relatório de Aryon para o Simpósio de Cartagena era a criação de cursos de pós-graduação em Linguística. A formação de linguistas que atendessem às diversas “tarefas da Linguística no Brasil” foi sempre sua maior prioridade. E, no interior dessa prioridade, havia uma mais urgente: a formação de linguistas para trabalhar com as línguas indígenas brasileiras, sempre ameaçadas de extinção.

O primeiro programa de pós-graduação do Brasil, criado por ele, foi o da UnB, o qual recebeu seus primeiros alunos em 1963. O segundo foi o do Museu Nacional, implantado em 1968, e o terceiro, que Aryon começou a revitalizar em 1973, foi o da Unicamp.

A pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília

O mestrado em Linguística da UnB iniciou-se em 1963, com uma turma constituída por três alunas: Gilda Azevedo, Marta Coelho e Eunice Pontes, que, ainda solteira, chamava-se Eunice Souza Lima.

Aryon era o único professor brasileiro, os demais eram professores estrangeiros do Summer Institute of Linguistics (SIL), trazidos por Darcy Ribeiro para dar suporte ao curso.

Em 1.º de março de 1964, chegou outra turma, um pouco maior, da qual fizemos parte, entre outros, Marita Goes Pôrto, Paulino Vandresen, Jurandir Waugham e eu.

Estudávamos em regime integral, morávamos no campus e recebíamos bolsa de estudos da própria universidade. O ritmo era intenso.

Um mês depois de estarmos instalados no campus, a universidade foi cercada pelo exército. Eram as primeiras agressões desfechadas contra a vida universitária pelo golpe que derrubou João Goulart – e, com ele, o Chefe da Casa Civil, que era Darcy Ribeiro –, e instalou o regime militar por 21 anos no Brasil. Pouco depois, foi nomeado para o Ministério da Educação e Cultura o reitor da UFPR, Flávio Suplicy de Lacerda, de quem Darcy era um antigo desafeto. Com isso, a UnB passou a ser perseguida impiedosamente, sofrendo inúmeras intervenções nos meses que se seguiram.

Professores e estudantes foram presos e a manutenção das atividades se tornou uma batalha diária. As reuniões para resolver problemas e decidir os rumos da universidade, nas casas de uns e de outros, passaram a fazer parte do cotidiano ao lado das aulas e das pesquisas. Aryon era professor titular e Coordenador Geral de Pós-Graduação da universidade e integrou o grupo de professores que lideraram a resistência e procuraram soluções para a situação.

Infelizmente, foi em vão. Depois de muitas negociações e decepções, a universidade sucumbiu. Quase todos os professores, que eram cerca de 250 na época, pediram demissão numa mesma manhã, em protesto contra mais uma intervenção na vida universitária em meados do segundo semestre de 1965.

Em consequência, a segunda turma de mestrandos não terminou o curso, de modo que concluíram e defenderam suas dissertações na UnB apenas as três alunas da primeira turma: Marta Coelho, com uma dissertação sobre uma língua africana, Eunice Souza Lima, sobre o sistema verbal do português e Gilda Azevedo, sobre a língua Kiriri.

Com um abalo em escala nacional, consumava-se de forma dramática a extinção da segunda tentativa de institucionalização da Linguística no Brasil.

O programa do Museu Nacional

Desempregado, Aryon recebeu convites para lecionar no exterior, um na Universidade de Cornell, nos Estados Unidos, e outro na Universidad Nacional Mayor de San Marcos, no Peru. Mas, como sua prioridade era formar linguistas que estudassem as línguas indígenas brasileiras, preferiu ser bolsista do Museu Nacional e lutar por um novo espaço para a Linguística no Brasil.

Fomos para o Rio de Janeiro em março de 1966, logo depois de regressar do I Instituto Interamericano de Linguística realizado em Montevideú.

A Divisão de Antropologia do Museu Nacional oferecia um ambiente propício para a pesquisa das línguas indígenas e lá já se encontravam duas pesquisadoras, Yonne Leite e Miriam Lemle. Ainda em 1966, tornei-me bolsista do Museu e ocupei uma mesa na sala que Aryon dividia com as duas colegas.

Aryon criou o programa de pós-graduação em Linguística do Museu Nacional com financiamento da Fundação Ford em 1968. Participaram desse programa Mattoso, Brian Head, Antônio Carlos Quícoli, que Aryon havia convencido a voltar para o Brasil e, mais tarde, Lúcia Lobato, que tinha acabado de concluir seu doutorado na França.

O programa recebeu ainda nesse ano a visita de Roman Jakobson, que veio ao Rio de Janeiro a convite de Mattoso e proferiu palestras entre nós. Em visita informal ao Museu Nacional, mostrou-se muito interessado pelas características fonéticas das línguas indígenas brasileiras.

Com a demanda provocada pela resolução do CFE em 1962, o programa teve um número relativamente grande de candidatos. Mais tarde, eu também reiniciei meu mestrado nesse novo programa, continuando com a pesquisa começada em Brasília sobre o Guaraní Antigo.

O programa ia bem, mas uma crise se anunciava. Sobre essa crise, e em homenagem a Mattoso aos dez anos de sua morte, Aryon escreveu “Livrou-se, entretanto, o velho e incansável lutador de mais uma grande desilusão: já naqueles dias articulavam os herdeiros dos catedráticos da Faculdade Nacional de Filosofia, junto à reitoria da Universidade

Federal do Rio de Janeiro, a proibição ao Museu Nacional de ministrar cursos de Linguística.” (Rodrigues, 1984: 90-91).

O programa foi forçado a se transferir para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mesmo assim continuou a sofrer pressões. Em escala local, dessa vez, tentavam novamente sufocar a Linguística.

Na UFRJ, Aryon orientou três dissertações de mestrado: *Fonologia do dialeto vestfaliano de Rio Fortuna*, de Paulino Vandresen; *Estudo contrastivo do latim clássico com o português*, de Margarida Basílio, e *A fonologia segmental da língua Txikão*, de Charlotte Emerich.

Um dia bateu à porta de nosso apartamento Manuel Berlinck, diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Vinha convidar Aryon para revitalizar o programa de pós-graduação em Linguística que tinha se sustentado por algum tempo com a vinda temporária de professores franceses e se encontrava naquele momento em um impasse.

Diante das precárias condições e das ameaças de extinção do programa na UFRJ, Aryon aceitou a proposta de Berlinck, contanto que esse garantisse a transferência dos alunos e a possibilidade de levar a equipe docente consigo.

Assim foi feito. Três professores se transferiram, com exceção de Lúcia Lobato, que, por motivos familiares, permaneceu no Rio e mais tarde passou para a UnB. A maior parte dos alunos optou pela Unicamp. Entre eles estavam, além de mim, Bernadette Abaurre, Jonas Araújo Romualdo, Maria Laura Mairink, Raquel Salek Fiad e Tânia Maria Alkmin. Isso foi em março de 1973.

O programa da Universidade Estadual de Campinas

A universidade recém-criada por Zeferino Vaz e o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas ofereciam boas condições de desenvolvimento para a pós-graduação em Linguística. Aryon considerava a associação com as Letras pouco interessante para a ciência linguística e, por isso, via com bons olhos a sua proximidade com a Antropologia

num Instituto de Ciências Humanas. Eram poucos professores e o trabalho era muito. Além disso, Aryon ocupou vários cargos, coordenando desde o Centro de Linguística Aplicada até os cursos de pós-graduação da universidade.

Quatro anos mais tarde, o Departamento de Linguística precisou se associar à Teoria Literária para integrar o Instituto de Estudos da Linguagem.

Apesar das dificuldades, a pós-graduação em Linguística se desenvolveu e contou com novos professores. Quando Lucy Seki chegou ao Brasil com seu doutorado sobre o Kamaiurá pela Universidade da Amizade dos Povos Patrice Lumumba, Aryon ajudou-a a revalidar seu diploma e empenhou-se para que fosse contratada pela Unicamp. Foi um notável enriquecimento para o programa. Ela construiu uma brilhante carreira nessa universidade, tornando-se uma das mais importantes pesquisadoras das línguas indígenas brasileiras. Outros professores foram sendo contratados e assumindo orientações voltadas para temas variados, liberando Aryon para se dedicar cada vez mais à orientação de dissertações e teses na área de línguas indígenas.

De 1973 a 1988, Aryon orientou doze dissertações e três teses. Das dissertações, apenas duas foram sobre línguas não indígenas, a de Maria Marta Furlanetto e a de Ester Scarpa Gebara. As demais dissertações e as teses foram sobre línguas indígenas. A primeira dissertação foi a minha, *Fonologia do Guarani Antigo*, em 1974, depois vieram as dissertações de Daniel Everett, *Aspectos da fonologia do Pirahã*; de Sílvia Bigonjal Braggio, *Aspectos fonológicos e morfológicos do Kadiwéu*; de Tine van der Meer, *Fonologia da língua Suruí*; de Marymárcia Guedes, *Subsídios para uma análise fonológica do Mbyá*; de Cheryl Jensen, *O desenvolvimento histórico da língua Wayanpi*; de Cristina Rohweder Gonçalves, *Concordância em Munduruku*; de Péricles Cunha, *Análise fonêmica preliminar da língua Guajá*; de Isaac Costa de Souza, *Contribuição para a fonologia da língua Arara (Karib)* e de Nilson Gabas Júnior, *Fonologia da Língua Karo*.

O primeiro doutorado em língua indígena na Unicamp foi o de Adair Pimentel Palácio, com a tese *Guató: a língua dos índios canoieiros do rio Paraguai*, em 1984. O segundo foi uma co-orientação de Aryon com um professor do Instituto de Biologia que orientou Arthur

Jensen, na produção da tese *Sistemas indígenas de classificação de aves: aspectos comparativos, ecológicos e evolutivos*. O terceiro doutorado, com a tese *Fonologia e morfologia da língua Kaingang*, foi o de Marita Porto Cavalcante.

Lucy Seki, por sua vez, de 1977 a 2010, orientou doze dissertações e treze teses, totalizando o estudo de vinte e quatro línguas indígenas: Aguaruna (Jívaro), Assurini, Aweti, Guarani Mbyá, Ikpeng (Karib), Juruna, Kaiowá, Kamaiurá, Kayabi, Krenak (Botucudo), Maxacali, Mebengokre, Mocovi (Guaikuru), Panará, Parkatêjé, Sateré-Mawé, Suyá/Kinsedje(Jê), Tapajúna-Goronã, Timbira/Canela Apãniekrá, Trumai, Tupari, Tupinambá, Yawalapiti, e Yawanawá. Além desses, realizou ou orientou estudos comparativos dentro da família Jê, da família Tupi-Guarani e do tronco Tupi.

O programa ia bem, a pesquisa de línguas indígenas progredia e mais e mais alunos se interessavam pela área. Por isso, quando a UnB lhe comunicou que, com a lei da anistia, tinha direito à reintegração no antigo cargo, Aryon relutou contra a mudança. Mas, já com tempo de serviço suficiente para se aposentar pela Unicamp, acabou retornando ao departamento e ao programa de pós-graduação que tinha criado.

A anistia e a reintegração à Universidade de Brasília

A lei da anistia, promulgada em 1979, beneficiava militantes de organizações políticas, servidores e sindicalistas punidos pelo regime militar e incluía o direito de reintegração de servidores civis e militares.

Na gestão do reitor Cristovam Buarque, iniciou-se, então, um processo de reintegração dos professores que tinham pedido demissão em protesto contra a repressão militar na UnB. Assim, Aryon e eu (que havia sido instrutora, em função da bolsa de estudos, o que foi mais tarde reconhecido como vínculo empregatício) fomos reintegrados à UnB em 1988.

A universidade tinha voltado à normalidade, e o Programa de Pós-Graduação em Linguística contava com um corpo docente qualificado, com professores que se destacavam no panorama nacional, como

Lúcia Lobato e Stella Maris Bortoni. Fomos recebidos calorosamente pelo departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Português e ali conhecemos Lúcia Quental, recém-chegada de seu doutorado na Georgetown University, que se tornaria uma grande amiga e interlocutora de Aryon em projetos dessa nova fase.

A reintegração proporcionou a Aryon a possibilidade de ampliar sua atuação e de formar novos pesquisadores, principalmente na área das línguas indígenas. No Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UnB, ele orientou trinta e uma dissertações de mestrado e oito teses de doutorado.

As línguas estudadas foram Arara, Araweté, Aweti, Bororo, Guajá, Guató, Kanoê, Karajá, Karo, Maku, Manxinéri, Mawé, Mehinaku, Munduruku, Panará, Suruí, Tapirapé, Tembé, Tupari, Urubu Ka'apor, Rikbaktsá, Xetá, Xokleng, Yatê e Yuhúp, ou seja, mais de vinte e quatro línguas foram objeto de pesquisa, visto que ele também fez e orientou numerosos estudos comparativos de línguas da família Tupi-guarani, da família Bororo, do tronco Tupi, do tronco Macro-jê, das línguas Karib e Aruák, o que torna difícil calcular o número total de línguas analisadas.

No início da década de 1990, Aryon criou o Laboratório de Línguas Indígenas (LALI) e passou a coordená-lo, reproduzindo nesse local o ambiente de trabalho e estudo que existia na década de 1960, com o apoio de Walkíria Neiva Praça, requisitada por ele junto ao Ministério da Educação para atuar no LALI.

Apesar da consolidação da Linguística e dos estudos das línguas indígenas nas instituições de ensino superior brasileiras, Aryon permitiu-se sair poucas vezes para atuações mais prolongadas no exterior. Destaco três universidades onde foi convidado a atuar, independentemente dos cursos que ministrou nos Institutos Interamericanos de Linguística e em eventos de menor duração: Universidade da Califórnia em Berkeley, nos Estados Unidos, de janeiro a março de 1983, onde ministrou a disciplina *Brazilian Indian Languages* em nível de pós-graduação; Universidade de Leiden, na Holanda, de 1993 a 1994, onde deu um curso sobre a língua Tupinambá, também em nível de pós-graduação, e na Universidade de Münster, na Alemanha, em 1994, onde interagiu com colegas e orientou estudantes em projetos de comparação de línguas da família Tupi-Guarani.

Aposentou-se em 1995, mas continuou trabalhando diariamente e em tempo integral no LALI, sem ônus para a universidade, pesquisando e orientando alunos, participando de eventos nacionais e internacionais, criando novos projetos até mesmo quando os achaques da idade dificultavam sua locomoção até o espaço que havia conquistado no “Minhocão” da Universidade de Brasília.

Com a transferência de Ana Suelly Arruda Cabral da Universidade do Pará para a Universidade de Brasília, em 2002, Aryon recebeu uma colaboradora dinâmica que o ajudou a dar mais visibilidade ao LALI, promovendo eventos e organizando publicações.

A formação de formadores

A maioria dos mestres e doutores que ele formou tornaram-se pesquisadores de línguas indígenas e professores universitários. Para dar uma ideia da sementeira que isso representou, cito algumas instituições brasileiras onde atuam ou atuaram discípulos seus:

- Museu Emílio Goeldi – Nilson Gabas Júnior;
- Museu Nacional – Charlotte Emmerich;
- PUC-Rio Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Margarida Basílio;
- UEAP Universidade do Estado do Amapá – Eduardo Alves Vasconcellos;
- UFAL Universidade Federal de Alagoas – Adair Pimentel Palácio;
- UFG Universidade Federal de Goiás – Laércio Nora Bacelar, Léia de Jesus Silva, Marita Porto Cavalcante e Sílvia Bigonjal Braggio;
- UFMG Universidade Federal de Minas Gerais – Aderlande Ferraz e Fábio Bonfim Duarte;
- UFPA Universidade Federal do Pará – Eduardo Rivail Ribeiro e Marília Ferreira;

- UFPE Universidade Federal de Pernambuco – Adair Pimentel Palácio e Stella Telles;
- UFSC Universidade Federal de Santa Catarina – Maria Marta Furlanetto e Paulino Vandresen;
- UnB Universidade de Brasília - Antonio Augusto de Souza Mello, Daniele Marcelle Grannier, Dionei Moreira Gomes, José Natal Barbosa, Luciana Gonçalves Dourado, Marina Maria Silva Magalhães, Péricles Cunha, Poliana Maria Alves, e Walkíria Neiva Praça;
- Unicamp Universidade Estadual de Campinas – Daniele Marcelle Grannier, Ester Miriam Gebara e Filomena Sândalo.

Por sua vez, muitos desses professores formaram novos linguistas que atuam em instituições brasileiras, geralmente na área de línguas indígenas.

Duas discípulas de Aryon foram notáveis multiplicadoras de seu empenho formador: Adair Pimentel Palácio, da UFPE e da UFAL e Sílvia Bigonjal Braggio, da UFG.

Depois do mestrado na Unicamp, Sílvia fez seu doutorado em 1986 em Linguística Educacional pela Universidade do Novo México, nos Estados Unidos. Ao voltar para o Brasil, foi contratada pela UFG, onde formou 28 mestres e 5 doutores até o momento, com trabalhos voltados ou para a análise e descrição de línguas indígenas ou para aspectos da educação linguística, enfocando, em especial, a educação indígena. Entre seus projetos voltados para as sociedades indígenas, merece destaque o projeto *LIBA: Línguas Indígenas Brasileiras Ameaçadas de Extinção: documentação (descrição e análise) e tipologias sociolinguísticas*.

Por sua experiência em educação, tem desenvolvido projetos inovadores que enfocam também situações de ensino da sociedade falante de português.

O diferencial do trabalho de Sílvia e de seus discípulos é o retorno sistemático da aplicação dos resultados obtidos nas pesquisas às comunidades estudadas, o que o grupo já vem praticando há vinte anos.

O percurso inicial de Adair foi inverso, concluiu o mestrado nos Estados Unidos e obteve o grau de doutor na Unicamp, orientada por Aryon, quando já era professora da UFPE. Ao concluir o doutorado, retomou suas atividades nessa universidade e, além de ministrar aulas e orientar alunos da pós-graduação, desenvolveu, com colegas do departamento, um primeiro NEI – Núcleo de Estudos Indígenas – um espaço onde os interessados podem ir chegando, sem formalidades, para saber um pouco mais sobre os povos indígenas brasileiros e, mais especificamente, sobre suas línguas. Aí se encontram livros, objetos de artesanato e gravações. Mais tarde, quando se aposentou da UFPE, foi ajudar a desenvolver o programa de pós-graduação em Letras da UFAL e estimulou nessa universidade a criação de um segundo NEI, com as mesmas características do de Recife.

Foi assim que iniciou à Linguística e aos estudos de línguas indígenas vários dos mestres e doutores que se espalharam em instituições de pesquisa e de ensino superior do Nordeste e do Norte do país. Sua orientanda de mestrado Stella Telles, que se doutorou na Vrije Universiteit Amsterdam, permaneceu na UFPE, os demais orientandos foram para outras universidades – Aldir Santos de Paula e Januacele Francisca da Costa foram para a UFAL, Carla Cunha foi para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Ana Carla Bruno foi para o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) e Maria Odileiz Sousa Cruz foi para a Universidade Federal de Roraima (UFRR). Quanto a mim, fui sua orientanda de doutorado na UFAL mas quando defendi a tese, voltei para minha universidade de origem, a UnB.

Além desses, Adair orientou duas alunas indígenas: Maria das Dores de Oliveira, conhecida como Maria Pankararu, que estudou o Ofayé, e Yris Julia Barraza de Garcia, que estudou o Shawí; uma língua do Peru.

Mais tarde, Maria Pankararu concluiu seu doutorado com Januacele, na UFAL. Aryon sempre ressaltava que Maria Pankararu foi a primeira representante indígena a obter o grau de mestre e de doutor no Brasil.

Podemos ver, então, as gerações se sucedendo. Alguns orientandos já são da terceira geração, como José Márcio Queiroz Felix, professor da Universidade Federal do Piauí, que fez o doutorado com Stella

Telles, que fez o mestrado com Adair P. Palácio, que foi orientanda de Aryon.

Tanto no tempo quanto no espaço, percebe-se a expansão do trabalho formador de Aryon.

Quantas e quais línguas indígenas foram estudadas

Mudou enormemente a situação dos estudos das línguas indígenas no Brasil. Quando Aryon dizia, na década de 1960, que eram mais de 180 as línguas a serem pesquisadas, esse número parecia astronômico. Certamente, ainda há muito a fazer. Os estudos de que dispomos são bastante variados em profundidade, vão de simples notas a trabalhos de maior fôlego. Destes, uma das descrições mais completas de uma língua indígena brasileira, é a *Gramática do Kamaiurá*, de Lucy Seki (Seki, 2000).

Fazendo um cálculo com base apenas nas línguas tratadas em dissertações e teses até o momento no Brasil, sem contar os estudos comparativos, foram estudadas por linguistas brasileiros e por alguns poucos estrangeiros radicados no Brasil mais de 140 línguas, a saber: Aikaná, Akuntsu, Alantesu, Anambé, Apiaká, Apinajé, Apurinã, Arara (Karib), Arara (Tupi), Araweté, Arikapu, Armanajé, Ashaninka, Assurini, Avá-Canoeiro, Avá-Guarani, Aweti, Bakairi, Baniwa-Kurripako, Baré, Bororo, Canela Apaniekrã, Cayapó do Sul, Cinta-Larga (Tupi-Mondé), Dau, Djeoromitxi, Dzubukuá (Kariri), Enawene-Nawé (Aruak), Gavião (Jê), Guajá, Guajajara (Tupi-Guarani), Guarani (Mbyá), Guarani antigo, Guarani paraguaio, Guató, Huariapano, Ikpeng, Jabuti, Jaminawa, Javaé, Juruna, Kadiwéu, Kaingang, Kaingang do Sul, Kaingang Paulista, Kaiowá, Kalapalo, Kamaiurá, Kanamari (Katukina), Kanoê, Karajá, Kariri, Karo, Katukina, Kaxarari, Kaxuyana, Kayabi, Kokáma, Korubo, Kotiria (Wanano), Krahô, Krenak (Botucudo), Krikati, Kuikuru, Lakondê, Latundê, Língua Geral Paulista, Maku, Makuxi (Karib), Manxenéri, Marubo, Mastanawa, Matsés (Pano), Mawé, Maxacali, Mebengokre, Mehinaku, Mekens, Mocovi (Guaikuru), Munduruku, Mura, Myky, Nadëb, Nambikwara, Nhandewa Guarani, Nheengatú, Nukini, Ofaié, Panará, Parakanã, Pareci, Parintintin, Parkatejê, Paumari, Pirahã, Poyanáwa (Pano), Puri (Coroado), Rikbaktsá, Sararé (Katitaulhu), Sateré-Mawé, Saynáwa (Pano), Shanenawa, Shawã, Shipibo-Konibo,

Surui, Suyá/Kindesedje, Tapajúna-Goronã, Tapirapé, Taulipáng, Tawandê (Nambikwára do Norte), Tembê, Tenetehara, Terena, Tikuna, Trumai, Tukano, Tupari, Tupinambá, Txikão, Umutina, Urubu Ka'apor, Uruwewauwau, Wa'ikhana (Piratapuyo), Waimiri-Atroari, Waoiró, Wapixana (Aruak), Wari, Waurá, Wayampi, Xavante, Xerente, Xetá, Xikrin, Xokleng, Xukuru-Kariri, Yaathe (Fulni-ô), Yanomami, Yawalapiti, Yawanawá, Yekuana (Karib), Yuhup e Zo'ê.

Esse inventário das línguas pesquisadas foi feito para uma palestra que apresentei na UFG em 2012. Quando contei o resultado do levantamento a Aryon, até ele, que acompanhou o desenvolvimento dos estudos ao longo dos anos, se surpreendeu com o número elevado de línguas já estudadas.

Um dos 100 livros do século XX

O próprio Aryon pesquisou uma quantidade considerável dessas línguas. Contudo, entre seus mais de 150 trabalhos científicos, menciona apenas um: *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*, provavelmente o livro mais citado em estudos sobre as línguas indígenas brasileiras e que foi arrolado em 41.º lugar entre “Os 100 livros do século XX”, em votação promovida pela Câmara Brasileira do Livro em 1999, ao lado de *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral; dos *Princípios de Linguística Geral* de Joaquim Mattoso Câmara Jr., e de *A Unidade da Romênia Ocidental*, de Theodoro Henrique Maurer Jr.

Os quatro livros estão na companhia de *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade; *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo; *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa; *Libertinagem*, de Manuel Bandeira; *Macunaíma: O Herói sem Nenhum Caráter*, de Mário de Andrade; *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato; *Memórias Sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade; *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Mello Neto; *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector; *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado; *Mar Absoluto*, de Cecília Meireles, e *O Pagador de Promessa*, de Dias Gomes, entre outros.

As obras dos linguistas precedem livros que refletem a realidade brasileira como *A Cultura Brasileira: Introdução ao Estudo da Cultura*

no Brasil, de Fernando de Azevedo; *Educação para a Democracia: Introdução à Administração Educacional*, de Anísio Teixeira; *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido, entre outros que completam os cem livros.

Considerações finais

As “tarefas da Linguística no Brasil” estão sendo realizadas. Aryon viu muitos de seus sonhos se tornarem realidade e, como Mattoso, foi um lutador incansável, que não desanimou diante das adversidades.

Ainda em vida, recebeu os títulos de Professor Emérito e Doutor Honoris Causa da Universidade de Brasília e o de Doutor Honoris Causa da Universidade do Paraná. Tornou-se membro honorário da Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas em 1999 e da Linguistic Society of America em 2004. Foi também homenageado com a publicação de dois números especiais de revistas científicas: o volume de número 20 do *Boletim da Associação Brasileira de Linguística* (ABRALIN) e o volume 4, número 2, de *Estudos da Língua(gem)*.

Os títulos e o reconhecimento que recebeu sem dúvida lhe eram gratos, mas o seu foco estava no dia a dia da prática científica. Essa era sua vida. Até o final, dedicou-se a projetos de análise, descrição e comparação de línguas indígenas. Sua única tristeza, aos 88 anos, era não poder ler os trabalhos de seus orientandos, preocupado que pudessem “sair mal escritos”. Esperava superar os problemas de saúde para poder fazer uma cirurgia que o livrasse dessa limitação.

Orientou ao todo, 47 dissertações e 11 teses⁴ nas três universidades onde desenvolveu programas de pós-graduação. Além disso, orientou duas teses em outras universidades: foi co-orientador da tese de Nilson

4. É possível que esses números não reflitam o total de trabalhos orientados. Podem ter ficado sem registro em seu currículo Lattes as defesas de outros orientandos como é o caso de Edineide dos Santos Silva que foi sua orientanda no mestrado e defendeu a dissertação *Fonética e análise fonológica preliminar da língua Manxinéri* no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB em 2008.

Gabas Júnior, na Universidade da Califórnia em 1999, e orientador da tese de Antônio Augusto de Souza Mello, na UFSC, em 2005.

Empresto aqui, as palavras que Aryon escreveu a respeito do trabalho de Mattoso, adaptando-as, dizendo que o que eu apresentei neste artigo “não é uma avaliação da obra científica de Aryon, mas deve contribuir para essa avaliação. A obra de Aryon não pode ser avaliada [apenas] com base nos estudos que publicou (...) mas, como toda a obra de cientistas que viveram e trabalharam fora dos grandes e dos médios centros científicos, tem de ser considerada em função das condições oferecidas pelo meio em que viveu e trabalhou, em relação a sua interação com esse meio e ao progresso do conhecimento que aí tenha contribuído para operar, assim como por referência à alteração que haja causado no próprio meio, especialmente através do desenvolvimento institucional na sua área de competência e atuação” (cf.: Rodrigues 1984: 91).

Mesmo doente e com dificuldade para ler, no dia 3 de novembro de 2013, testando a visualização de um novo projeto na tela, Aryon digitou no meu computador as últimas palavras que escreveu:

NOMES DE PLANTAS

Abiú -

Abiú-rána

Abiú-rána branca

Recebido em julho de 2014

Aprovado em agosto de 2014

E-mail: grannier@hotmail.com

Referências bibliográficas

- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. 1965. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur. 1939. O nexu linguístico Bororo-Merrime-Caiapó. *Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes*. 2: 61-74.

- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1966. Tarefas da Linguística no Brasil. *Estudos Linguísticos: Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada*. **1, 1**: 4-15.
- _____. 1984. A Obra Científica de Mattoso Camara Jr. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. **6**: 83-94.
- _____. 1986. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.
- SEKI, Lucy. 2000. *Gramática do Kamaiurá*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial.